



# COINTER PDVAgro 2020

V CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Edição 100% virtual | 02 a 05 de dezembro

ISSN:2526-7701 | PREFIXO DOI:10.31692/2526-7701

**EXISTE UMA IDENTIDADE DOS GUARDIÕES DE SEMENTES?**

**¿ EXISTE UNA IDENTIDAD DE LOS GUARDIANES DE SEMILLAS?**

**IS THERE A ONE IDENTITY OF THE SEED GUARDIANS?**

Apresentação: Comunicação Oral

Régis de Araujo Pinheiro<sup>1</sup>; Hélio Debli Casalinho<sup>2</sup>

DOI: <https://doi.org/10.31692/2526-7701.VCOINTERPDVAgro.0078>

## RESUMO

A ciência moderna ocidental que gestou o modelo agrícola moderno é amplamente reducionista tanto dos agroecossistemas bem como dos seres que habitam os espaços rurais não densamente habitados, nesse quesito ela não considera a diversidade de seres e saberes bem como os recursos genéticos que esses conservam e compartilham. Os guardiões de sementes são atores que seguem uma matriz camponesa de produção, mantêm suas sementes e compartilham os recursos genéticos e os simbolismos, histórias, crenças, atitudes, ações que estão impregnados nesses recursos genéticos. Identificá-los e construir uma identidade de um determinado grupo ou associação requer uma perspectiva multidiversa para não cair nas armadilhas reducionistas dos processos de construção da identidade e dessa forma, excluir seres de saberes, fazeres e poderes. O presente trabalho apresenta como objetivo a construção de pontos de identificação dos agricultores guardiões de sementes do município de Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul. Como base teoria abordou-se os conceitos de identidade de Kathryn Woodward e Stuart, por meio de uma abordagem especificada por Boaventura Santos, Inês Oliveira, Carlos Ferraço e Paulo Freire, que prezam pelas conversas e o diálogo de saberes, por meio de uma epistemologia voltada ao Sul. Utilizou-se de uma pesquisa qualitativa em que a técnica de pesquisa foi “as conversas” por meio da história de vida dos *participantes pensantes*. Ao tecer uma identidade desses atores o pesquisador deve ter consciência que tal processo é reducionista e portanto excludente das mais diversas identidades, bem como, os seres humanos adotam diferentes identidades de acordo com o ambiente em questão, dessa forma tal processo não é adequado para o ambiente de pesquisa com agricultores guardiões de sementes, visto que, esses atores são biodiversos assim como são suas sementes, seus agroecossistemas e suas formas de reger a agrobiodiversidade; Logo, ao trabalhar com guardiões de sementes é interessante buscar a tessitura de pontos de identificação que valorize os seres e os saberes que emergem de seus agroecossistemas.

**Palavras-Chave:** guardiões de sementes, identidade, sementes crioulas, agrobiodiversidade, diversidade

## RESUMEN

La ciencia occidental moderna que dio origen al modelo agrícola moderno es en gran medida reducionista tanto en los agroecosistemas como en los seres que habitan en áreas rurales no densamente

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Universidade Federal de Pelotas, [regispinheiroagro@gmail.com](mailto:regispinheiroagro@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor, Universidade Federal de Pelotas, [hdc1409@gmail.com](mailto:hdc1409@gmail.com)

## IDENTIDADE DOS GUARDIÕES DE SEMENTES

habitadas, en este sentido no considera la diversidad de seres y conocimientos así como los recursos genéticos que conservan y comparten. Los custodios de semillas son actores que siguen una matriz de producción campesina, guardan sus semillas y comparten recursos genéticos y simbolismos, historias, creencias, actitudes, acciones que se impregnan en estos recursos genéticos. Identificarlos y construir una identidad para un grupo o asociación en particular requiere una perspectiva multidimensional para no caer en las trampas reduccionistas de los procesos de construcción de identidad y así excluir a los seres del conocimiento, acciones y poderes. El presente trabajo tiene como objetivo la construcción de puntos de identificación de los productores semilleros guardianes del municipio de Rio Grande, Estado de Rio Grande do Sul. Como base teórica, se abordaron los conceptos de identidad de Kathryn Woodward y Stuart, a través de un enfoque especificado por Boaventura Santos, Inês Oliveira, Carlos Ferração y Paulo Freire, quienes valoran las conversaciones y el diálogo del conocimiento, a través de una epistemología centrada en el Sur. Se utilizó una investigación cualitativa en la que la técnica de investigación fue “la conversaciones” a través de la historia de vida de los participantes pensantes. Al tejer una identidad de estos actores, el investigador debe ser consciente de que dicho proceso es reduccionista y por lo tanto excluyente de las más diversas identidades, así como, los seres humanos adoptan identidades diferentes según el entorno en cuestión, por lo que este proceso no es adecuado para el ambiente de investigación con agricultores guardianes de semillas, ya que estos actores son biodiversos como lo son sus semillas, sus agroecosistemas y sus formas de gobernar la agrobiodiversidad; Por tanto, al trabajar con los custodios de semillas, es interesante buscar los puntos de identificación que valoran a los seres y conocimientos que emergen de sus agroecosistemas.

**Palabras Clave:** guardianes de semillas, identidad, semillas criollas, agrobiodiversidad, diversidad

### ABSTRACT

The modern Western science that gave birth to the modern agricultural model is largely reductionist both in agroecosystems and in the beings that inhabit rural areas not densely inhabited, in this regard it does not consider the diversity of beings and knowledge as well as the genetic resources that they conserve and share. Seed custodians are actors who follow a peasant production matrix, keep their seeds and share genetic resources and symbolisms, stories, beliefs, attitudes, actions that are impregnated in these genetic resources. Identifying them and building an identity for a particular group or association requires a multidiverse perspective so as not to fall into the reductionist traps of identity-building processes and thus exclude beings from knowledge, actions and powers. The present work has as objective the construction of identification points of the guardian seed farmers of the municipality of Rio Grande, State of Rio Grande do Sul. As a theory basis, the concepts of identity of Kathryn Woodward and Stuart were approached, through a approach specified by Boaventura Santos, Inês Oliveira, Carlos Ferração and Paulo Freire, who value conversations and the dialogue of knowledge, through an epistemology focused on the South. A qualitative research was used in which the research technique was “the conversations” through the life story of the thinking participants. When weaving an identity of these actors, the researcher must be aware that such a process is reductionist and therefore excluding from the most diverse identities, as well as, human beings adopt different identities according to the environment in question, so this process is not suitable for the research environment with seed-guarding farmers, since these actors are biodiverse as are their seeds, their agro-ecosystems and their ways of governing agrobiodiversity; Therefore, when working with seed custodians, it is interesting to search for the identification points that value the beings and knowledge that emerge from their agro-ecosystems.

**Keywords:** seed guardians, identity, creole seeds, agrobiodiversity, diversity

## INTRODUÇÃO

O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal, caracterizado por um sistema de distinções, estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem em realidades sociais distintas, assemelhando-se a separação do velho e do novo mundo ou da colônia e da

metrópole. Nesse caso a metrópole se caracteriza por uma relação dicotômica embasada na regulação/emancipação, enquanto que a colônia apresenta aspectos de apropriação/violência. Esse pensamento abissal se caracteriza, pela impossibilidade de co-presença, entretanto, para que um exista é necessário a inexistência, invisibilidade, ausência da outra forma de pensamento (SOUSA SANTOS et al., 2007).

Na metrópole ocorre uma tensão visível entre a ciência, filosofia e teologia. A fim de defender seu espaço, essa visibilidade assenta-se na capacidade de tornar invisível outras formas de conhecimento, ditas como alternativas, incomensuráveis, incompreensíveis, que estão, além do universo do verdadeiro e falso, pois não obedecem aos critérios de verdade e dessa forma, são relacionados como conhecimentos populares, como por exemplo, os conhecimentos dos camponeses, indígenas, formas de conhecimentos diretamente ligados a colônia (SOUSA SANTOS et al., 2007).

A linha visível que separa a ciência de seus “outros” modernos está assente na linha abissal invisível que separa, de um lado, ciência, filosofia e teologia e, de outro, conhecimentos tornados incomensuráveis e incompreensíveis por não obedecerem nem aos critérios científicos de verdade nem aos critérios dos conhecimentos reconhecidos como alternativos, da filosofia e da teologia (SOUSA SANTOS et al., 2007).

A ciência e as técnicas modernas europeia-ocidental, que foram expandidas pelo mundo, foram instituídas como critério não só de verdade, bem como de moral naturalmente nela inscrita, deslocando, dessa forma, da verdade científica, as outras formas de construção de conhecimento, considerando-as como um não saber, ou meramente folclore (PORTO-GONÇALVES, 2011).

Souza Santos et al. (2007) mostra que nos territórios coloniais há uma aplicação da dicotomia apropriação/violência. Para o autor, “O colonial é o estado de natureza, onde as instituições da sociedade civil não têm lugar”. A colônia surge com a necessidade de oferecer produtos à metrópole, a qual constitui-se em “berço e modelo” de civilização, de modernidade, entretanto, as apropriações que ocorrem na colônia, não são apenas em relação a natureza, a biodiversidade, mas também uma apropriação dos habitantes como força de trabalho, dos seus mitos e cerimônias. É necessário mencionar que, a pilhagem ocorrida ao longo do continente americano relacionada a biodiversidade existente, apropriou-se também das mais diversas formas de saberes e conhecimentos a ela associados (SOUSA SANTOS et al., 2007).

A violência para Sousa Santos et al. (2007) está centrada na proibição da utilização das línguas próprias em espaços públicos, adoções de nomes cristãos, destruição dos símbolos e lugares públicos de culto, ou seja, a violência, foi o ato de “catequizá-los”, como mostra Jayme

## IDENTIDADE DOS GUARDIÕES DE SEMENTES

Caetano Braum : “O meu Deus pra o que chegou - não servia, às crenças da geografia fizeram que eu desse adeus; aos descampados – só meus, tive de olhar mais de longe, rezar frente à cruz do monge, noutros rituais – noutras naves e – em vez do canto das aves, o som dos sinos de bronze”!

A sociedade moderna-colonial, para dominar a natureza, necessitou dominar os homens e mulheres, ou seja, para submeter a natureza a ótica da sociedade fundada na propriedade privada da natureza, é preciso um conjunto de técnicas que faça com que cada um aceite essa ideia como algo natural, como por exemplo, os sacerdotes e juristas dizendo que a propriedade privada é sagrada ou é natural (PORTO-GONÇALVES, 2010, p. 80-81, grifos do autor). Portanto, salienta-se a ideia de desenvolvimento mostrada pelo autor, que pressupõe a dominação da natureza, ou seja, “tirar o envolvimento e autonomia que cada cultura, cada povo tradicional apresenta em seu espaço, território, bem como individualizar a relação até então apresentada pelos homens-mulheres e natureza, individualizando-os, traduzindo em um desenvolvimento”..

Atualmente, podemos verificar a intencionalidade das técnicas nos pacotes tecnológicos impostos pelo modelo agrícola embasado pela revolução verde. Agrotóxicos, adubo mineral altamente solúvel e o desequilíbrio do ambiente, mas principalmente nas sementes transgênicas e a lei de patentes, a qual impõe a não re-produção por parte dos agricultores a custas de duras penalidades em forma de multas, bem como, a não implantação de lavouras com sementes não transgênicas, aliado ao não fornecimento de financiamento agrícola, para os agricultores que utilizavam sementes crioulas e adubação orgânica. Essas são as estratégias de violência, para a implementação da agricultura moderna, que sempre estiveram aliadas ao triângulo, ensino, pesquisa e extensão.

A concepção de ciência que fragmenta a natureza, tornando-a objetiva, coisificou o mundo, torna vulnerável os territórios, desnaturaliza a natureza. Ciência com seus paradigmas científicos, que se transfiguram em barreiras, diques, muros, que canalizaram alguns saberes em nome de uma única verdade, contiveram, subjugararam sepultaram, aprisionaram outros, por não apresentarem parâmetros metodológicos, por não serem universais. Assim, alia-se o modelo econômico, que tratia a natureza e os recursos naturais, como objetos de trabalho, matérias-primas, racionalidade que fragmenta o conhecimento do mundo e que intervém nele (LEFF, 2010).

Em síntese todo o modelo adotado, tanto como de desenvolvimento da sociedade moderna quanto da ciência ocidental, e a implantação do modelo agrícola nos moldes da revolução verde, preconizou a ocorrência de crises, não só do sistema capitalista, mas

principalmente crise ambiental, que para Leff (2010) é, na essência, uma crise de conhecimento, na qual tem construído e destruído o mundo, o planeta e os mais diversos modos de vida, apresentando raízes históricas antigas, desde a ideia de supremacia judeu-cristã do domínio do homem sobre a natureza, passando pela origem da metafísica, chegando as ideias iluministas, mas principalmente a partir do momento que Descartes criou o método científico, racionalidade que para Enrique Leff, falhou, nas suas premissas de alcançar a objetividade, a verdade única e a certeza, no seu propósito de construção de um mundo previsível, controlável.

Tais pressupostos também gestam e embalam os processos construtores de identidade, ou seja, busca-se a ideia de uma construção de identidade única, algo que identifica determinado agrupamento social e por conseguinte o reduz a determinadas características que o simplifica com objetivo de torná-lo o mais generalizável possível.

O presente trabalho tem como objetivo expor os resultados da pesquisa de mestrado de um dos autores, o qual trabalhou em um processo de construção da identidade de agricultores guardiões de sementes no município de Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul. Brasil. Os resultados do trabalho são parte dos resultados obtidos na dissertação do autor.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente artigo fundamenta-se no pensar de Boaventura Sousa Santos, ao conceituar o pensamento abssial e a importância de uma epistemologia voltada ao Sul; Enrique Leff e Carlos Walter Porto Gonçalves, os quais enfatizam a importância dos saberes ambientais que emergem das culturas tradicionais, bem como as relações que poder que se estabelecem, Kathryn Woodward e Stuart Hall para o processo de construção do conceito e da identidade dos participantes da pesquisa, e de Paulo Freire e os pesquisadores do Cotidianistas brasileiros como Nilda Alves, Carlos Eduardo Ferrado, Inês Barbosa de Oliveira, os quais implementam a importância do diálogo e das conversas com esses atores que são os *participantes pensantes* da pesquisa.

## METODOLOGIA

O presente trabalho utiliza uma metodologia qualitativa e participativa, a qual dá voz aos participantes da pesquisa, permitindo maior engajamento do pesquisador na realidade investigada, o que lhe dá condições para uma compreensão profunda dos processos existentes e dos sentidos produzidos pelos sujeitos na relação com o conhecimento e as significações produzidas pelo agricultor (LÜDKE ; ANDRÉ, 1986, TRIVINOS, 1987)

Dentre as várias possibilidades metodológicas oferecidas pela abordagem qualitativa,

## **IDENTIDADE DOS GUARDIÕES DE SEMENTES**

optou-se por uma pesquisa participante. É nas relações sociais dos indivíduos em determinado espaço, principalmente nos cotidianos, que o pesquisador aproximar-se-á e observará as pessoas, situações, mantendo com eles um contato direto, que permite uma atitude política, em especial as conversas. “Nas pesquisas com os cotidianos, as ‘conversas’ entre os/as pesquisadores/as e os/as praticantes/pensantes dos cotidianos são entendidas como o lócus necessário das pesquisas” (ALVES e ROSA, 2015, p. 198).

O trabalho de campo envolveu uma metodologia participativa, por meio da observação participante do cotidiano dos agricultores guardiões de sementes e o relato da história de vida de cada um. Para esta pesquisa foram observados e entrevistados quatro agricultores dos municípios de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, sendo esse o primeiro município do Estado do Rio Grande do Sul, fundado em 1737, constituindo o primeiro ponto de colonização desse estado. A escolha desse local de trabalho se dá devido à importância histórica dessa região.

Os agricultores colaboradores foram selecionados por meio do projeto Agricultores Guardiões de Sementes Crioulas: Sementes Crioulas e a Agroecologia, da Embrapa Clima Temperado. Os critérios de escolha adotados foram, respectivamente, o número de cultivares mantidas pelas famílias e a idade dos participantes, dando prioridade para aqueles de mais idade, pois subentende-se que esses apresentam experiências históricas e vivências de outros tempos de agriculturas, a qual se preconizava uma agricultura mais ecológica.

Nesse aspecto obteve-se uma população de 21 agricultores guardiões de sementes, dos quais por meio da aplicação dos critérios de escolha, obteve-se uma amostra populacional de 6 famílias agricultoras guardiãs de sementes. Posteriormente o consentimento das famílias, as conversas foram gravadas com auxílio de um gravador e registradas com uma câmera fotográfica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A igualdade, fraternidade e liberdade, pressupostos iluministas, não ocorrem no mundo moderno globalizado capitalista, o que ocorre são crises, crises que alimentam o sistema econômico vigente, que busca com ênfase na técnica e na ciência reducionista, um modelo para a sua superação, mas que, entretanto, utiliza das mesmas ferramentas, para solucionar os estragos que a mesma criou. Criando um monstro que exemplifica-se no Saturno de Goya, o qual consome a própria prole (LEFF, 2010). Dessa forma, utilizar dos mesmos modelos técnicos e científicos para querer destruir o monstro que hoje está criado (crise ambiental e de conhecimento), é utilizar-se da mesma fonte de alimento que o criou, (pensamento, ciência e modelos de agriculturas reducionista) ou seja, é fazer mais do mesmo.

As crises ambientais e de conhecimento, mostram a necessidade de combater o monstro, entretanto, utilizando um alimento diferenciado, em relação aquele que o criou. Não é somente buscar novas armas, ou novos alimentos modernos, é preciso ir contra a corrente do sistema, e buscar na história, nas histórias de vida, no cotidianos e na união entre os seres e os saberes, a fim de que se possa, não somente entender a crise, mas sua relação com o pensamento humano e com novos projetos/visões de diversas alternativas, porque a natureza deixou de ser natureza para ser um objeto científico, objeto de conhecimento, matéria prima e meios de produção, desarticulando o seu ser natural, da constituição dos ecossistêmica do planeta que emerge a própria vida (LEFF, 2010, p. 83-84).

A crise da sustentabilidade como mostra Leff (2010, p. 97) é antes do que mais nada, uma crise de conhecimento, das formas de conhecimento com as quais construiu-se a civilização moderna, das formas como ocorreu a destruição da natureza e a degradação dos agroecossistemas, contaminação do ambiente, bem como subjuga-se os saberes. Alia-se a crise, as premissas que regem as teorias a conservação dos recursos naturais, a não consideração de que os agricultores e os povos tradicionais, sempre manejaram os agroecossistemas e os recursos genéticos, fato que, faz voltar os olhos para a conservação a nível de paisagens rurais, um viés para a espécie humana, que desde a protoagricultura, interagiu, e interferiu na frequência gênica das plantas e animais em um processo denominado coevolução. Através dessas interações, proporcionadas pelo processo de coevolução, constata-se que emergem, saberes, percepções, conhecimentos, atitudes, práticas, que não foram considerados pela ciência moderna ocidental, sendo que, essas formas de vida, principalmente dos agricultores camponeses e povos tradicionais, passaram a ser consideradas, por esse modelo científico, como atrasadas.

Para Leff (2010) mesmo que exista uma dificuldade de articular as ciências, as diferentes epistemologias, a construção da sustentabilidade não depende exclusivamente dessa fonte de saber, mas também de outras formas de simbolização e valorização da natureza, simplesmente porque a sustentabilidade apresenta um desafio construtivo social, e dessa forma, necessita de uma ética de alteridade, e de uma política da diferença, fatores que abrem um olhar para um diálogo de saberes.

Os seres humanos se diferenciaram-se pela sua cultura, sendo que “a cozinha é o meio universal pelo qual a natureza é transformada em cultura”. Á essa afirmativa acrescenta-se também as mais diversas formas de produzir alimentos, que proporcionou a emergência de diferentes agri-culturas, as quais foram extremamente destruídas, pelo processo de dominação da natureza e dos seres humanos, pela revolução verde e a homogeneidade dos sistemas

## IDENTIDADE DOS GUARDIÕES DE SEMENTES

agrícolas, implementados não somente pelo sistema econômico, o qual segundo Enrique Leff, trata a natureza como uma externalidade e assim destrói as mais diversas formas de cultura, através da coisificação da natureza e dos seres humanos (WOORDWAR, 2013, p. 43; LEFF, 2010).

A construção do conhecimento por parte dos agricultores ocorre através da sua vida cotidiana em forma e pelas redes que se tecem. Nesse quesito insere-se o diálogo de saberes, o qual faz emergir saberes, oriundos dos encontros de seres diferenciados pela sua diversidade cultural e orientam conhecimentos para a construção de uma sustentabilidade compartilhada (LEFF, 2010).

Conhecimento e sabedoria, são distinguíveis como dois sistemas cognitivos, sendo que o primeiro é demonstrado como conhecimento por descrição, já sabedoria, é descrita como conhecimento por familiaridade. Entretanto, ambos são mantidos, modelados, construídos e legitimados por meio de práticas individuais e sociais (BARRERA-BASSOLS, 2013 citado por TOLEDO; BARRERA-BASSOLS 2015).

Ao tratarmos de agricultores guardiões de sementes, e o ambiente o qual estão inseridos, temos como práticas individuais das famílias, o plantar, colher, selecionar, e o cozinhar e as práticas sociais, como as feiras de sementes crioulas, os encontros e reuniões de associações, sindicatos, mas não somente isso, os locais frequentados, como bares, festas, jogos de futebol, missa, ou culto, as idas aos comércios, a cidade, fatores que fazem parte da vida cotidiana desses agricultores.

Entretanto, inseparável a todos os processos da vida cotidiana desses agricultores estão as sementes, seres vivos, carreadores de percepções, saberes, intuições, práticas que são alocadas nos agroecossistemas, onde natureza e cultura fazem parte do mesmo mundo, fatos e valores que se conectam com o objetivo de ver as coisas (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Uma semente crioula é o mínimo de matéria com o máximo de energia, impregnada de sabedoria, conhecimento, percepções intuições, portanto, assume a característica de veículo, pelo qual as experiências, sabedorias, aspectos relacionados aos sistemas produtivos, crenças e a vida cotidiana a cerca do mundo que os rodeia, são mantidas, compartilhadas, e fortalecidas mediante o testemunho dos agricultores. Para Toledo; Barrera-Bassols (2015) a sabedoria como uma crença compartilhada, produz conhecimento por meio de reconhecimento da repetição e de irregularidades no tempo, que é o caminho necessário para se alcançar conhecimento, adquirido pelos agricultores guardiões através das experiências diretas em suas práticas

agrícolas, simplesmente porque os saberes tradicionais, estão muito próximo do que é sabedoria.

É através da simbiose entre agricultor guardião e semente crioula, que levantamos nossas ancoras, soltamos nossas amarras, içamos nossas velas e partimos em busca de demonstrar como se constitui a identidade de tais agrupamentos sociais. É desse encontro entre seres e saberes, de múltiplas diversidades culturais, que se interligam com a natureza e estabelecem seus espaços, territórios de vida, os quais, se produzem os processos e espaços coevolucionários que forjamos as observações a respeito da identidade desses povos.

Esses espaços coevolucionários apresentam uma interação entre o cultural e o natural, os quais trazem diversas formas de saberes locais, mas holísticos<sup>3</sup>, que devem ser resgatados com o intuito de valorar a importância dessas sabedorias rurais. Logo, pesquisar, trabalhar, estudar e pensar com esses atores necessita-se de uma imersão ao pensamento de Paulo Freire (1983, p. 15) que mostra a importância de um “diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais”. Portanto, é assumir uma atitude não invasiva a cultura dos agricultores guardiões, afim de não querer muda-la, por isso adota-se uma atitude dialógica que segundo o autor caracteriza<sup>4</sup>.

Portanto, essa atitude se concentra nas “conversas”, uma atitude política, embasada por (FERRAÇO, 2011) a qual nos permite um salto epistemológico, a fim de compreender a verdadeira realidade em torno, da sua vida cotidiana, ou que Freire mostra como vida diária.

É através do diálogo que se pode chegar a uma problematização do próprio conhecimento, a fim de melhor compreendê-lo, explicá-lo, transformá-lo, questionando a validade dos esforços epistemológicos e metodológicos das ciências para unificar o conhecimento através das teorias de sistemas, dos métodos interdisciplinares e de um pensamento complexo, aliando a construção de uma nova perspectiva, afim de, compreender e construir um mundo global, fundamentado na diversidade cultural, na coevolução das culturas em relação com seus territórios biodiversos, em uma proliferação do ser em uma convivência na diferença (FREIRE, 1983; LEFF, 2010).

<sup>3</sup> Toledo e Barrera-Bassols, (2015) afirmam que os agricultores camponeses, os povos tradicionais apresentam saberes locais, que são holísticos, naquele determinado local.

<sup>4</sup> Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não *sloganizar*. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos “seres para si”. E que o diálogo não pode travar-se numa relação antagonica (FREIRE, 1983, p.28).

## IDENTIDADE DOS GUARDIÕES DE SEMENTES

Para Leff (2010) o diálogo de saberes apresenta uma relação com uma outridade, afim de não se querer produzir uma intencionalidade, ou ter uma finalidade de apropriar-se do conhecimento dos agricultores e povos tradicionais, de absorver suas cosmovisões, portanto, o diálogo de saberes é um diálogo de seres, que implica em uma incomensurabilidade de saberes, abre a sustentabilidade para a construção social, a partir da diversidade e da diferença, ou seja, reafirmando a ética da outridade que se estabelece no relacionamento entre os indivíduos, que se respeitam mutuamente, e dessa forma projetam a criação de um outro mundo, o qual é feito de muitos mundos, biodiversos, bioculturais e de identidades multidiversas.

As relações a respeito das identidades, devem ser repensadas de uma outra forma, diferente das abordadas pela lógica formal, bem como pela antropologia, ou das identidades construídas como se fora algo oriundo de sociedades frias, congeladas, organizadas a partir de uma estrutura originária. Portanto, o diálogo de saberes se produz no encontro de identidades. É a abertura do ser constituído por sua história para o inédito e o impensado; para uma utopia arraigada na real continuidade dos potenciais da natureza e dos sentidos da cultura (LEFF, 2010).

É nesse encontro entre seres e saberes que dialogam em uma perspectiva dialógica, que se tecem as estratégias de uma reapropriação, retransmissão e ampliação de saberes, conhecimentos, discursos, percepções, sentimentos e sementes os quais gestam e trazem a luz, ao mundo, novas percepções, intuições, sentimentos. Conforme mostra Leff (2010), do encontro de troca de experiências entre os camponeses e as sociedades indígenas, culmina na constituição de uma nova identidade.

Para Woodward (2013) a afirmação de uma certa identidade, proporciona a busca e legitimação por uma referência a um suposto e autêntico passado, em alguns casos um passado glorioso, entretanto, um passado que parece real, fato que poderia tornar válida a identidade reivindicada.

Entretanto, para Hall (2014) ocorre a existência de três concepções de identidade, a do sujeito do Iluminismo, baseada numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, consciência e ação, constituído de um núcleo interior, o qual emerge no nascimento do sujeito e como decorre seu desenvolvimento, embora permaneça essencialmente o mesmo, contínuo, idêntico, ao longo de sua existência. O Sujeito sociológico, refletia a complexidade do mundo moderno e a consciência de que o núcleo interior do sujeito, não era autônomo e autossuficiente, mas sim, formado nas relações com as pessoas, as quais o sujeito julga ser importante a ele, pelas quais

mediavam ao sujeito, valores, sentidos, símbolos, a cultura do mundo que habita, sendo a identidade formada entre a interação do eu com a sociedade.

“ O sujeito sociológico ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num *diálogo* contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2014, p. 11, grifos meus).

Portanto, a identidade em uma concepção sociológica, preenche o espaço entre “interior” e o “exterior”, o espaço compreendido entre os dois mundos, o pessoal e o público. Dessa forma, nos autoprojetamos nessas identidades culturais, simultaneamente em que internalizamos seus significados e seus valores, os quais se tornam parte de nós, e dessa forma contribui para ataviar nossos sentimentos subjetivos com os locais objetivos, que ocupamos em um mundo social e cultural (HALL, 2014, p. 11-12).

Nesse caso, a identidade, pode nos dizer que torna o sujeito mais unificado, em um processo recíproco com a estrutura, estabilizando-os sujeito e o mundo cultural em que se habita (HALL, 2014).

O sujeito que previamente vivido, como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, apresentando diversas identidades, o qual assume identidades diferentes em diferentes momentos. Identidades que não são unificadas ao redor de um “eu”. Esse processo, irá produzir o sujeito pós-moderno, o qual conceitua-se por não apresentar uma identidade fixa, essencial ou permanente, identidade móvel, “que é formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2014, p. 13).

O sujeito nesse aspecto, assume identidades diferentes em diferentes momentos, que não são unificadas ao redor de um eu coerente. A identidade é definida historicamente e não biologicamente, bem como, nos seres humanos existem identidades contraditórias que empurram em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão continuamente sendo descoladas. Se sentimos que temos uma identidade unificada, desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós ou uma confortável narrativa do eu (HALL, 2014).

“A identidade plenamente unificada, completa, segura, coerente é uma fantasia”, embora sejamos a “mesma pessoa” nos mais diversos contextos cotidianos, ao analisarmos bem nossas atitudes, somos capazes de perceber que nos posicionamos de maneiras diferentes, em distintos momentos e em diversos lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo (HALL, 1997 citado por WOODWARD, 2013, p. 31; HALL, 2014, p.13)

## IDENTIDADE DOS GUARDIÕES DE SEMENTES

Woodward (2013) mostra que os mais diversos contextos sociais ocasionam diferentes significados sociais, os quais, necessitam ser considerados como as diferentes identidades que ocorrem nessas diferentes ocasiões. Somos diferentes, pois nos posicionamos de maneira diferente à medida que diversas são as nossas perspectivas que criamos, proporções nas quais, o ambiente exige uma forma de comportamento e, dessa forma, necessitamos tomar posições em determinados contextos. Isso ocorre também com os agricultores guardiões, cada um apresenta uma perspectiva de vida, de histórias de vida e culturas diferentes, aliados aos seus modelos de fazer agri-culturas, biodiversos, bem como, a diferença de alimentos que preparam, das sementes que mantém, das percepções, e dos modos como vivem suas vidas, que são cotidianamente diferentes, nas mais diversas situações que se expressam nos cotidianos rurais dos agricultores guardiões de sementes.

Elementos que Woodward (2013, p. 56) traz no poema de Jackie Kay, mulher afrodescendente, que recorreu diversas instituições de adoção, a fim de adotar uma criança, bem como, as modificações que Jackie faz em sua casa, com objetivo de apresentar não só a mãe, mas também a morada, “sob um ângulo mais favorável possível”, para que fosse vista como o tipo certo de mãe, de acordo, com o que criara.

O poema de Kay indica algumas das formas pelas quais as identidades sociais são construídas, bem como, as formas pelas quais nós as negociamos. Este poema ilustra as diferentes identidades, mas, de forma crucial, uma delas em particular, que a mãe/poeta reconhece como tendo predominância cultural: a da “boa” mãe, da mãe “normal”, tem uma ressonância particularmente forte nesse caso. Trata-se de uma identidade que ela parece assumir, embora ela esteja consciente de que está em conflito com outras identidades, especialmente sua identidade política, associada, nesse caso, com suas preferências políticas de esquerda (WOODWARD, 2013, p. 58).

A construção e transformação das identidades nacionais, são um exemplo clássico de como as identidades são criadas, simplesmente porque, as identidades nacionais não são uma coisa nata de ser humano, ou seja, elas são frutos de processos que são formados e transformados no interior de uma representação. “Nós não sabemos o significado do que é ser inglês, devido ao modo como a “inglesidade” veio a ser representada - como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa”, ou seja, uma nação não é apenas uma identidade política, mas algo que produz sentidos - *um sistema de representação cultural* (HALL, 2014, p. 48-49, grifos do autor).

A construção de uma cultura nacional, é a composição de instituições culturais, símbolos e representações, que contribui para a formação de padrões universais, uma língua ou sistema de educação universal, ou seja, cria uma cultura homogênea, simplesmente porquê, ela

é um discurso, um modo de construção de sentidos, influenciadora e organizadora das nossas ações e concepções, dessa forma, no momento o qual, as culturas nacionais produzem um sentimento relacionado a nação, sentido pelo qual podemos nos identificar, ocorre a existência da construção das nossas identidades (HALL, 2014).

Ao construir uma identidade, automaticamente, exclui-se outras durante o processo de construção, as quais também carregam suas formas de expressões, significações. Nesse caso, pensar em construir a identidade do agricultor guardião de sementes, necessita, excluir algumas identidades, as quais são importantíssimas, bem como, parte contra o pensamento que norteia todo o princípio desse trabalho, pela lógica que seguem os sistemas agrícolas biodiversos dos agricultores guardiões de sementes, ou seja, não é a ocorrência de uma identidade, mas sim, as múltiplas diversidades e as múltiplas identidades que compõe as famílias agricultoras guardiãs de sementes, que devem ser ressaltadas.

Apesar de apresentarem sistemas de produção biodiversos, seguirem uma lógica de agricultura camponesa, manterem suas sementes, suas tradições, venerarem o passado, insere-se os agricultores guardiões de sementes como sujeitos pós-modernos, uma vez que estão inseridos no mundo moderno globalizado, possuem, não só máquinas agrícolas, mas especialmente, acesso à energia elétrica, aos mais diversos meios de comunicação, como televisão, rádio, telefone e em alguns casos a internet, alia-se as feiras de troca de sementes, os encontros de associação, as reuniões, as festas religiosas, o cotidiano do mundo rural, bem como as percepções diárias dos seus sistemas de produção.

Os processos acima citados, são modificadores de suas identidades, mas que apesar de toda a influência externa, não são capazes de descolar a identificação dos agricultores guardiões de sementes para uma outra relação de sistema de produção agrícola, moderno, ou capitalista, melhor exemplificando. Simplesmente porquê atitude de guardar as sementes, é a condicionante para a permanência de seus sistemas de produção em uma outra materialidade, a biodiversidade em seu sentido mais amplo, a qual, se resume na lógica da sobrevivência de suas famílias, e assim poderá ser condicionante para a construção de uma identidade de agricultor guardião.

Aqui, convém mencionar as refeições experimentadas com os entrevistados, durante todo o processo de coleta de dados, simplesmente porque, se eu tentar construir uma identidade dos agricultores participantes/pensantes desse trabalho, necessitarei excluir alguns aspectos, mas não posso, não poderei excluir a torta de cebola verde, receita de família de uma agricultora, em detrimento a batata doce roxa cozida de outra família, nem mesmo, as suas percepções a respeito dos agrotóxicos, qualidade do solo, seus diferentes sistemas de plantio, desde o menos

## IDENTIDADE DOS GUARDIÕES DE SEMENTES

ao mais complexo, desconsiderar esses fatos é não ter consciência da biodiversidade de saberes que envolve os agricultores e agricultoras guardiões de sementes.

Não é plausível desconsiderar as suas formas de expressões, principalmente na língua falada, que em muitos casos remete a um português que ainda apresenta aspectos semelhantes ao que é falado na região dos Açores, fato que ocorre na localidade do Povo Novo, primeiro povoado do município de Rio Grande. Nessa localidade, não só o linguajar é característico, mas também, a extensão de terra das unidades de produção agrícola, pequenas unidades de produção agrícolas familiares, bem como, anteriormente, todos os agricultores dessa localidade caracterizavam-se pela produção de cebolas.

Além disso, a diversidade da língua, volta-se novamente a outra região pesquisada, a localidade da Palma, por onde passa a Estrada Imperial da Palma, uma das primeiras estadas do município, desde o tempo do Império e ativa atualmente, serve como um divisor de águas, localizado na cota mais alta daquela região, segundo os relatos dos agricultores locais.

Na localidade da Palma ocorre um ponto de intersecção de ocupação do território, ocasionando, a presença de pequenas unidades de produção agrícola, com grandes unidades de produção, oriundas das antigas sesmarias. Nesse caso, muitos dos agricultores entrevistados, apresentam um sotaque mais platino, fronteiriço, misto de língua portuguesa com espanhola, bem como uma outra forma de pensar, diferente da localidade do Povo Novo.

Posto isso, são esses fatores que levam a crer que cada família agricultora guardiã de sementes é única, cada família constitui uma identidade que é mutável cotidianamente, as quais, irão compor esse conjunto biodiverso de identidades, simplesmente porque, determinar uma identidade a um grupo, é utilizar-se das mesmas ferramentas da ciência moderna ocidental (reducionismo científico), a fim de fragmentar as partes e querer compreender o todo, premissas que ocasionaram não só a degradação ambiental, mas das mais diversas formas da saberes, fazeres, e que até a atualidade, não considera a vida como um fenômeno complexo, a qual para Woodward (2013) mostra que a complexidade da vida moderna é um fator exigente para que os seres humanos assumam diferentes identidades, diversas e cambiantes, principalmente nos contextos sociais que são vividos, bem como nos sistemas simbólicos, meios, pelo quais são produzido sentidos a nossa vida e as nossas posições.

Para Woodward (2013) esse processo ocorre em momentos particulares, ou seja, momentos fixos, conquanto, para a sua construção, faz-se uso de histórias, culturas, aspectos sociais, mitos. Ao olharmos para o passado, histórias de vida, aspectos culturais do grupo social, o qual se quer construir a identidade, assume-se o risco de ocasionar a invisibilidade de outras identidades, histórias de vida, culturas. Portanto, em diferentes momentos, se constituirão

diferentes identidades, simplesmente pelas posições que se ocupam. Entretanto, é preciso mencionar que a identidade se faz nas diferenças, nas diversas relações sociais e simbólicas que se estabelecem, contudo, um sistema classificatório aplica um princípio de diferença, que dividirá uma população em grupos apostos.

Volto a frisar que “a identidade é algo formado, ao longo do tempo, através dos processos inconscientes, sendo assim, algo não inato, existente na consciência no momento do nascimento”, portanto, a identidade, continuará sempre incompleta, ou seja, está sempre em processo de construção, sempre sendo formada, dessa forma, ao invés de falar da identidade como algo acabado, deveríamos falar de *identificação*, fato que traz o olhar para a construção da identidade como um processo, que está sempre em andamento. Portanto, a identidade, surge não de uma identidade plena, mas de uma falta de inteireza que é preenchida com o nosso mundo exterior, pelas formas pelas quais nós imaginamos ser vistos pelos outros” (HALL 2014, p. 38-39, grifos do autor).

Portanto, não se pressupõe traçar uma identidade do agricultor guardião de sementes, uma vez que são múltiplas identidades, multidiversas e que se constituem constroem ao longo de uma trajetória de vida. Entretanto, almeja-se traçar pontos de identificação, simplesmente porque, ao fazer essa construção, seria algo da minha visão (portanto, um ponto de vista, um tanto egoísta, unilateral e até mesmo reducionista), dos momentos que compartilhei, dos mates e cafés que tomei, das conversas dentro das hortas e lavouras, entre outros fatores a serem elencados. Principalmente a questão de gênero, extremamente ligada a figura masculina e tão forte no meio rural.

Percebi que muitas vezes quem tomava partido nas respostas eram os homens, mas quem detinham o verdadeiro conhecimento e saber sobre as sementes eram as mulheres, elas quem se efetivavam em verdadeiras guardiãs de sementes, e portanto, ao tecer a identidade dos agricultores e agricultoras participantes/pensantes desse trabalho, posso construir na memória dos leitores uma visão, a qual poderá distorcer a verdadeira essência das identidades que compõem o grupo estudado, entretanto, esse não é objetivo central desse trabalho.

Esse fato pode ser comprovado pela imagem de identidade que temos sobre os povos orientais, como Edward Said (1978) citado por Woodward (2013) chama de “orientalismo”, em síntese é a tendência que uma cultura ocidental tem a produzir uma série de pressupostos e representações sobre uma cultura oriental, em especial aos povos do Iraque, Afeganistão e África do Norte, (aqui peço ao leitor que faça uma pausa, e transcreva em alguns pontos o que julga por ser a identidade desses povos) a identidade sobre eles construídas, tem se concentrado, segundo o autor, num suposto fundamentalismo islâmico, o qual é construído - “demonizado”

## IDENTIDADE DOS GUARDIÕES DE SEMENTES

- seria o termo mais apropriado - como a principal e nova ameaça às tradições liberais (WOODWARD, 2013, p. 35).

## CONCLUSÕES

As famílias agricultoras guardiãs de sementes estão alocadas em um espaço que é biodiverso, bem como diversas são suas formas pelas quais interagem com a agrobiodiversidade e biodiversidade. A elucidação desses processos, bem como sua valoração assumem um caráter urgente frente aos movimentos homogeneizantes. Embora sigam uma lógica camponesa de produção, cada ambiente, cada agroecossistema é único, visto que esse é influenciado pelos aspectos culturais que constituem cada um desses atores.

A construção de uma identidade que é única é um processo homogeneizador, visto que em geral, não considera os casos destoantes dos que ocorrem em maior número. É como mostra o poema de Kay que Woodward mostra perfeitamente. Os efeitos que homeinizam os sistemas agrícolas, bem como o pensamento dos atores que tecem a arte da agricultura, implementaram suas técnicas e obtiveram seus resultados, diversas paisagens monoculturais bem como mentes que também são monoculturais tal qual nos lembra Vandana Shiva.

Observar, pensar, conversar, pesquisar com os agricultores guardiões de sementes é mergulhar na biodiversidade de seres, tanto vegetais quanto animais. Abrir os recônditos da memória para deixá-la ser impregnada por essa diversidade se faz mais do que necessário, com objetivo de demonstrar a sabedoria, os saberes e as lógicas que emergem das suas unidades de produção agrícola.

De fato, nosso comportamento é completamente influenciado pelas condições ambientais, não nos comportamos do mesmo quando estamos em casa, na faculdade, no cinema, ou nos mais diversos locais. Restringir essas observações é congelar a diversidade e isso a ciência já faz com a conservação *ex situ*.

Logo, ao abrimos nossos pensares em rumo a diversidade, ao tecermos ciência conjuntamente com os agricultores guardiões, devemos ter a certeza de que cada um possui a sua identidade, mas que é mutável conforme o ambiente, além disso, é o conjunto da diversidade de identidades que deve ser elencado. No entanto, a tessitura de pontos de identificação permite não engessar o grupo, ou congelá-lo.

Em síntese, ao tratar-se da terminologia agricultores guardiões de sementes, em um primeiro momento deve-se ecoar em nossa memória que são seres humanos impregnados de saberes, assim como as sementes que mantém. Os recursos genéticos mantidos por suas famílias assumem uma característica de/para a sobrevivência, sendo que, é possível encontrar o

agricultor guardião com uma ou muitas variedades de sementes crioulas, mas que apresentam uma finalidade, a sobrevivência em primeiro plano, posteriormente, a ligação quase que maternal com o recurso genético mantido. A semente faz parte da história da família e suas histórias se confundem, ou melhor, fundem-se, através dos anos de manutenção e experiências cotidianas. Apresentam sistemas de produção de grande e de pouca complexidade, trocam suas sementes, seus saberes e suas percepções, e contribuem para manutenção da agri-cultura, através dos sistemas de cultivos e preparo de alimentos. São promotores da sustentabilidade dos agroecossistemas através das suas práticas e do processo de coevolução.

Ao traçar pontos de identificação do grupo de agricultores guardiões participantes dessa pesquisa, verifica-se, em um primeiro momento, em quase sua totalidade, por serem produtores de cebola, muitos já em abandono da cultura, haja visto que a cebolicultura era amplamente difundida na região<sup>5</sup>. Os colonizadores açorianos que chegaram na região por volta de 1752, e suas produções agropecuárias, biodiversas, foram extremamente essenciais para espantar o espectro de fome que rondava a cidade, primeiramente produziam trigo, entretanto, o surgimento da ferrugem dos trigais, fez com que emergissem outras culturas, até então em segundo plano, como o milho e a cebola. Portanto, identifica-se esses primeiros agricultores da região, colonos açorianos, como guardiões, e a lógica de/para sobrevivência se explica, pela não existência de um comércio de sementes naquele tempo, fato que proporcionou a migração para outras culturas.

## REFERÊNCIAS

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires**. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. v. 1

HALL, S. **A Identidade Cultural da Pós-modernidade** **A Identidade Cultural da Pós-modernidade**, 2014. Disponível em: [https://books.google.com.br/books/about/A\\_identidade\\_cultural\\_na\\_pós\\_modernidad.html?id=EcdikQEACAAJ&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/A_identidade_cultural_na_pós_modernidad.html?id=EcdikQEACAAJ&redir_esc=y)

LEFF, E. **Discursos sustentáveis**. São Paulo, Cortez, 2010.

LEFF, E. **Ecologia capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental**. Tradução Jorge E. Silva, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São

---

<sup>5</sup> São José do Norte, município vizinho a Rio Grande, local dessa pesquisa, foi considerada Capital Mundial da Cebola, tanto em quantidade produzida como em qualidade.

## IDENTIDADE DOS GUARDIÕES DE SEMENTES

Paulo, EPU, 1986. 99 p.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SOUSA SANTOS, B. De et al. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes \*. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 78, p. 3–46, 2007.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-68.